



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1187

Os Clubes de Mães da Zona Sul de São Paulo; mobilização social e participação política das mulheres da periferia de São Paulo em tempos de ditadura e as possibilidades de análise na perspectiva dos estudos de gênero.

Carlos Alberto Nogueira Diniz
UNESP/ Assis

Resumo: Nesse trabalho pretendo fazer uma breve reflexão sobre as possibilidades de análise da atuação dos Clubes de Mães da Zona Sul a partir da perspectiva dos estudos de gênero. Os Clubes de Mães da Zona Sul de São Paulo que pouco tempo depois se tornou o Movimento Custo de Vida embrião dos movimentos sociais que ressurgiram no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. A partir das reuniões voltadas para aprendizagem de ofícios domésticos, mulheres de origem simples da periferia de São Paulo passaram a questionar o preço dos alimentos, as condições de moradia, o bairro, enfim a exigir mudanças. A dificuldade de prover as necessidades básicas mobilizou essas mulheres na luta por melhores condições de vida, saúde e educação para suas famílias, nesse sentido o Movimento Custo de Vida ajudou a construir junto com CEB's pequenos espaços de democracia e participação política em tempos de censura e repressão. Foi um dos mais importantes movimentos de contestação ao regime civil-militar e no processo de redemocratização do Brasil, mas pouco lembrado pela historiografia e instituições ligadas a questão da memória nacional. O acervo dedicado ao Clube de Mães da Zona Sul de São Paulo está localizado no Centro de Documentação e Memória de Unesp (CEDEM) e se constitui em um importante legado do movimentos social brasileiro.

Palavra-chave: Estudos de Gênero; Clube de Mães ; Movimento Custo de Vida; Movimento Social;

Bolsista Doutorado/ CAPES

. Durante a pesquisa utilizo como fonte principal a documentação do Fundo Clube de Mães da Zona Sul de São Paulo presente no CEDEM da UNESP. O acervo está em parte digitalizado, isso facilitará bastante o processo de pesquisa e consulta das fontes no decorrer do trabalho. Além da documentação presente no acervo pretendo trabalhar também com entrevistas com militantes e mulheres que participaram do movimento ou da formação do acervo.

O Brasil do final dos anos 1970 é um país de industrialização tardia que, após o grande crescimento econômico do início da década de 1970, demonstrou suas fragilidades depois da crise do petróleo de 1973, ou seja, o “milagre econômico estava chegando ao fim”¹. O crescimento econômico que o regime militar exaltava beneficiou principalmente as camadas médias da população destacando-se o consumo de bens duráveis, como eletrodomésticos e automóveis. A maioria da classe trabalhadora foi excluída desse processo de desenvolvimento e era carente de necessidades básicas como alimentação, saneamento e moradia.

Na região sul de São Paulo mães formavam na época pequenos clubes que eram de início voltados para a convivência e o ensino de alguns ofícios, como costura e bordados. Com o tempo, eles foram se tornando lugares de luta e de mobilização e neles passou também a se discutir a busca de melhores condições de vida e de serviços básicos que o Estado não oferecia com qualidade.

O Clube de Mães aos poucos foi ganhando um caráter político que abrangia desde a falta de escola, transporte, saúde e saneamento básico até o preço dos alimentos; foi assim que surgiu o Movimento Custo de Vida² que, a partir das necessidades básicas, passou a contestar toda uma forma de organização social que excluía grande parte da população. O “custo de vida” foi a principal causa desses movimentos de bairro, pois os anos de arrocho salarial deixaram os trabalhadores com muitas dificuldades, visto que os salários não acompanhavam suas reais necessidades.

Questionar os números do governo em relação aos preços e salários passou a ser uma forma importante de contestação. Em 1973 a partir de uma conversa de duas mulheres do Jardim Nakamura surgiu a ideia de escrever uma carta reclamando do alto preço dos alimentos para o presidente, a carta foi apresentada no clube de mães a formatação ficou a cargo de Ana Dias esposa de Santo Dias,

¹ A crise do petróleo e o arrefecimento econômico mundial vinham levantar o “véu de euforia” que o milagre produzira (MENDONÇA, Sonia R. & Fontes, Virginia Maria. **História do Brasil Recente 1964-1980**. São Paulo, Editora Ática, 1998).

² O MCV surge (n.To com este nome) a partir de clubes de mães do M'Doi Mirim, na região sul de São Paulo. E' uma conjuntura marcada ainda pelo autoritarismo repressivo que acaba de sofrer suas primeiras fissuras com a vitória eleitoral do MDB em 1974 - a submissão dos órgãos de repressão ao controle político do presidente Geisel em 1975- Desenvolve um trabalho exemplar de conscientizado na vizinhança . a partir do problema do aumento do custo de vida. Com o apoio e a proteção de setores da Igreja Católica se constitui em um canal de articulado de protesto social do qual se serve também o reprimido movimento operário.

Dona Odete, Conceição Peres e Irma Passoni³. Em seguida a carta foi parar na imprensa e divulgada na radio, foi baseada em pesquisas feitas entre 1973 e 1975 pelas próprias mães organizadas em suas comunidades e com apoio de bispos como Dom Mauro Morelli e Dom Evaristo Arns.

Depois de várias perseguições e de um árduo trabalho de pesquisa envolvendo mulheres principalmente da Vila Remo, os resultados eram divulgados na imprensa e nos meios de comunicação, a carta foi divulgada as autoridades em 1975.

Somos mães de família em desespero e, mais do que ninguém, sentimos os preços dos alimentos, remédios, escolas, roupas, sapatos, condução e aluguel de casa. Estamos cansadas dessa exploração. Há muitas crianças por aí mal alimentadas, por isso fracas, sem poder estudar, por causa do alto custo de vida, do salário baixo e da falta de vagas nas escolas⁴

O Movimento Custo de Vida conseguiu enviar uma delegação a Brasília para tentar ser recebida no Palácio do Planalto. As disputas ideológicas e divisões políticas esvaziaram o movimento depois de chegar ao auge em 1978, principalmente quando o PC do B domina sua direção e muda o foco das reivindicações, antes espontâneas. Até o nome do movimento mudou para Movimento contra a Carestia.

O Clube de Mães da Zona Sul de São Paulo teve um papel importantíssimo na resistência a Ditadura Militar e na luta das mulheres por melhores condições de vida para suas famílias, contestando o regime a partir das privações do cotidiano essas mulheres deixaram o espaço privado para ir as ruas seja nas pesquisas de preços ou em protestos contra a carestia e a falta de escolas. Apesar da existência de clube de mães e outros movimentos similares em outras regiões do país, nenhum teve tanta importância e repercussão como o Clube de Mães da Zona Sul de São Paulo extremamente articulado com as CEB's, a Oposição Metalúrgica e a Pastoral Operária.

³ DIAS, Luciana; AZEVEDO, Jô & BENEDICTO, Nair. **Santo Dias: quando o passado se transforma em história**. São Paulo, Cortez, 2004, p.162-170.

⁴ Carta às autoridades, novembro de 1975. Centro de Documentação e Memória (Cedem) da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP).

Estudar a memória e as experiências dos Clubes de Mães significa recuperar e problematizar as experiências de vida dentro do contexto em que esteve inserido. Experiências essas que refletem anseios, objetivos e concepções políticas constituídas a partir da luta de mulheres e trabalhadoras na construção de espaços e de práticas democráticas em uma época de autoritarismo e de repressão dos movimentos sociais.

Analisar a construção da memória dos Clubes de Mães significa resgatar também parte da memória do movimento social brasileiro e sua importância no processo de redemocratização do Brasil. Nesse sentido, mulheres pobres, mulheres negras, trabalhadores, enfim ousaram reivindicar que seu país lhes oferecesse o básico para que sobrevivessem e partir dessa pauta questionou-se toda estrutura do poder vigente na época. Em relação ao estudo dos movimentos sociais no Brasil destaco o amplo estudo desenvolvido por Gohn tanto a respeito da história dos movimentos sociais quanto a teoria dos movimentos sociais. Gohn foi pioneira no estudo dos movimentos sociais urbanos no Brasil junto com Jordi Borja, Manuel Castells e José Álvaro Moisés.⁵

Os primeiros estudos que surgiram no Brasil sobre os movimentos sociais urbanos tinham uma filiação teórica explícita: Jordi Borja e Manuel Castells. Entre eles, os pioneiros foram o de José Álvaro Moisés (1978) e Gohn (1979). O primeiro consistiu numa tese de doutoramento apresentada na USP sobre os movimentos emancipatórios de Osasco e Pirituba na década; foi um estudo de processos de emancipação político-administrativa, emancipação de bairros para municípios, forma-institucional. As sociedades amigos de bairros pesquisadas e outras forças sociais presentes de forma embrionária foram estudadas posteriormente sob o prisma da emancipação social, de libertação das forças sociais dominantes ...⁶

Outros estudos⁷ sobre os movimentos sociais paralelamente a estes foram produzidos a respeito dos movimentos sociais utilizando-se das mais variadas concepções teóricas e metodológicas.

⁶ GOHN, Maria da Glória. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2009, p. 275-276.

⁷ ...Paralelamente à conclusão destes dois primeiros estudos, inúmeros outros estavam se desenvolvendo, destacando-se o de Vera Silva Teles sobre as CEBs e o de Silvio Caccia Bava sobre as lutas populares na zona sul de São Paulo (1980); o de Nabil Bonduki e Raquel Rolnik sobre a periferia de Osasco; o de Ana Doimo (1984) sobre o movimento dos transportes em Vitória; o de Silvio Maranhão sobre lutas urbanas em Recife;

Segundo Gohn (2009) no final da década de 1970 o estudo sobre os movimentos sociais começou a sofrer influências de pensadores como Foucault, Castoriadis, Deleuze, Guatari, E.P. Thompson, Thoreau, Claus Offe e outros.

A preocupação com as lutas e questões do cotidiano passou a ser tema central por parte dos analistas.⁸ Nesse sentido o livro de Sader (1988) *“Quando os novos personagens entram em cena”: experiência e luta dos trabalhadores da grande S.Paulo (1970-1980)* foi extremamente oportuno ao refletir sobre o nascimento de novas formas de mobilização e de novos atores sociais como as mulheres, os pobres, enfim a classe trabalhadora se organizando em movimentos de base, sindicatos e partidos frente a Ditadura Militar e posteriormente no processo de redemocratização.

Na América Latina o movimento feminista foi também importante, mas segundo Gohn ficou restrito a grupos específicos e mais intelectualizados, a grande maioria das mulheres principalmente as pertencentes as classes populares estavam mais presentes nas lutas por melhorias e por condições básicas de sobrevivência. Segundo Gohn a participação das mulheres nos movimentos sociais ainda é um tema pouco estudado.

O maior contingente de participação de mulheres foi nos movimentos populares, como demandárias de reivindicações populares por melhorias, serviços e equipamentos coletivos, e não como demandárias de direitos e igualdade entre os sexos. Foram elas que lutaram por creches, transportes, saúde etc. Elas participaram, e participam, dos mutirões para a construção da casa própria como mão-de-obra e como gerenciadoras dos processos. E a participação das mulheres nos movimentos populares, tanto urbanos

algumas experiências em Brasília etc. Alguns deles foram sistematizados num debate ocorrido em encontro do Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USp, em 1979. Destaquem-se ainda alguns trabalhos desenvolvidos por pesquisadores alemães sobre os movimentos populares na América Latina e que vieram a influenciar muitos pesquisadores nacionais quando de sua publicação, nos primeiros anos da década de 80. Entre eles os de Evers (1983 e 1984) e Muller-Platenberg e Spessart (1979).

Os estudos básicos sobre a realidade brasileira de apoio às pesquisas da época foram de F.Werffort (1978) e O. Ianni (1975) sobre o populismo na política brasileira; Lúcio Kowarick (1975) e a crítica à teoria da marginalidade; Francisco de Oliveira (1972) e a crítica às interpretações dualistas do modelo de desenvolvimento; Paulo Singer (1973) e o estudo do milagre brasileiro; Florestan Fernandes (1975) sobre a burguesia brasileira; Marialicci Foracchi sobre os processos de participação social (1982) e o processo de acumulação no Brasil; e Fernando H. Cardoso (1972) e seus trabalhos sobre o Estado e o modelo de desenvolvimento dependente e associado.

... Parte da produção específica sobre os movimentos urbanos incorporou as novas categorias em novas pesquisas como as de Luiz Eduardo Wandelely (1986) sobre o Movimento de Educação de Base (MEB), na década de 60; Pedro Jacobi Edson Nunes (1983) sobre as lutas por equipamentos de saúde e saneamento em São Paulo; Ana Amélia Silva (1979) sobre os quebra-quebras de trens; nosso estudo sobre a Luta por Creches em São Paulo; Ana Doimo (1984) sobre as lutas por transporte etc... GOHN, Maria da Glória. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2009, p.276-277.

⁸ Idem, p.279.

como rurais, é um tema ainda pouco estudado. Certos aspectos da cultura popular que estabelece “lugares e atribuições” para homens e mulheres sempre estiveram presentes no interior dos movimentos populares...⁹

Na historiografia brasileira vem crescendo o número de trabalhos sobre a questão de gênero seja em relação a História Social ou relação a cultura e subjetividades. Nesse caso a abordagem que pretendo fazer sobre a memória e experiência das mulheres que participaram do Clube de Mães tende a atribuir a questão de gênero um papel central enquanto problemática.¹⁰

Scott aponta o gênero como primordial para entender a experiência humana e as relações sociais estabelecidas, sejam elas de classe, políticas ou culturais. Nesse sentido não deve ser vista como uma história separada e sim como uma prática constante na produção historiográfica.

Segundo Martins (1998) Scott criticou a história social Inglesa a partir da leitura da obra *A Formação da Classe Operária Inglesa* de Thompson. Sua crítica consiste no sentido determinista que os sujeitos sociais e suas subjetividades são submetidos a partir de um estudo que privilegia entender historicamente a formação da classe operária inglesa, a classe segundo Scott assume um significado universal, sendo inviável uma produção de história social que contemple radicalmente a questão de gênero nos moldes de história feita por Thompson.

A definição de classe que emergiu como dominante tanto no contexto histórico quanto na narrativa histórica só foi possível por excluir outros possíveis significados. Desta forma, a identidade de classe só pode ser entendida dentro de um jogo de forças políticas por meio do qual o significado se impôs. É na desconstrução desse significado que a categoria gênero se mostra uma ferramenta valiosa para Scott. Não basta acrescentar

⁹ GOHN, Maria da Glória. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2009, p.293.

¹⁰ Não foi suficiente para os(as) historiadores(as) das mulheres provar ou que as mulheres tiveram uma história ou que as mulheres participaram das mudanças políticas principais da civilização ocidental. No que diz respeito à história das mulheres, a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um domínio separado “as mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres, que não nos concerne necessariamente” ou “a história das mulheres trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica”. No que diz respeito à participação das mulheres na história e a reação foi um interesse mínimo no melhor dos casos (“minha compreensão da Revolução Francesa não mudou quando eu descobri que as mulheres participaram dela”). O desafio lançado por este tipo de reações é, em última análise, um desafio teórico. Ele exige a análise não só da relação entre experiências masculinas e femininas no passado, mas também a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais. Como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como é que o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem do gênero como categoria de análise. SCOTT, Joan. “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**”. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre: n.2, jul./dez. 1989. 109, p.5.

as mulheres e suas experiências a uma narrativa histórica sobre a formação da classe operária. É necessário saber de que modo as diferenças sexuais atuaram no sentido de construir uma identidade masculina para a classe – em suma, de que maneira o gênero e a classe se constituíram como representação, identidade e prática política. Para Scott, uma análise que articule classe e gênero não é possível nos marcos de uma história como a de Thompson, em que a questão da produção de sentidos e da luta política para a imposição do significado de classe não é problematizada.¹¹

A crítica de Scott segundo Martins pode ser válida para a Formação da Classe Operária, mas não para as obras posteriores no qual Thompson coloca a classe como um fenômeno histórico baseado nas relações sociais e humanas, assim como gênero também. Thompson conseguiu de forma perspicaz dar voz e apresentar as múltiplas relações sociais e culturais no seio da classe trabalhadora.

Quando escreveu o artigo sobre a economia moral, em 1971, Thompson identificou o papel das mulheres no interior das comunidades pré-industriais e sua participação nos motins. Posteriormente, ele se deteve mais sobre essa questão em dois artigos presentes na coletânea *Customs in Common* (1993). Num deles, “Moral Economy Reviewed”, Thompson mostra como o fenômeno dos motins e de sua composição requerem uma análise que leve em conta o conteúdo estereotipado das fontes, as fases do motim, o papel das mulheres no mercado e na comunidade e as relações das mulheres com as autoridades e o poder. O texto de Thompson é uma resposta a certas interpretações da história social britânica que defendiam a existência da flexibilidade dos papéis de gênero nas sociedades pré-industriais. Ele afirma que a divisão dos papéis de gênero era, pelo contrário, bem demarcada e a questão a entender era a autoridade das mulheres na economia doméstica e nas comunidades, bem como saber por que, na segunda metade do século XIX, a presença das mulheres nos protestos públicos da classe operária declinou e sua imagem passou da de rebelde para a de mãe-dona-de-casa. Num outro artigo da mesma coletânea, “The sale of wives”, Thompson problematiza um costume que a historiografia, os folcloristas e as feministas viam como um lamentável exemplo da opressão das mulheres na Inglaterra. Trata-se de um ritual popular em que o marido vendia a esposa por meio de anúncios e de sua exposição em local público, com testemunhas da transação entre o marido e o comprador. Aos olhos das classes médias letradas, o ritual da venda era um exemplo da barbárie das classes populares, incompatível com a sensibilidade burguesa e com os ideais de uma sociedade civilizada. Decodificando o ritual da venda, interpretando seus significados à luz da cultura plebéia, Thompson chega a outras conclusões, mostrando como aquele ritual foi a forma que homens e mulheres encontraram para resolver seus “descasamentos” e relações amorosas. Brilhantemente, ele articula determinações objetivas e subjetivas, demonstrando as diferentes tradições e relações sociais que atravessavam

¹¹ MARTINS, Ana Paula Vosne. Possibilidade de Dialogo: Classe e Gênero. **Revista História Social**. n. 4/5. Campinas, São Paulo, 1997/1998, p.154.

o ritual da venda das esposas – entre elas, a especificidade das relações de gênero.¹²

Dentre os historiadores marxistas Thompson trabalhou não somente questões ligadas a economia e a política, mas pode também abordar o imaginário social e a cultura produzida a partir da experiência vivenciada pelos trabalhadores. (RAGO, 1998, 43)

A partir do conceito de experiência de Thompson é possível dialogar com as várias “vozes” que ajudaram a constituir a memória das mulheres dos Clubes de Mães. Entender o processo histórico e de luta dessas trabalhadoras ajuda a interpretar os discursos, os silêncios e lacunas dentro do processo de construção da memória. É da experiência comum dessas trabalhadoras, de moradores de bairros distantes das periferias de São Paulo, que surgiram as motivações, demandas políticas e sociais que de forma espontânea constituíram-se em novos paradigmas de lutas e de resistência à ditadura no Brasil.

Os Clubes de Mães da Zona Sul adquiriram com o tempo um caráter político e social, e incorpora elementos que remetem à cultura, aos ideais de luta e de resistência de grupos e movimentos sociais (pastorais sociais, associações de bairro, grupos de direitos humanos e partidos de esquerda) se transformando no Movimento Custo de Vida.

Grande parte das mulheres que participaram do Movimento Custo de Vida sofreram junto com seus familiares, as dificuldades, privações e experiências que em grande parte influenciaram suas escolhas políticas e ideológicas. O que pode ser questionado é por que tantas trabalhadoras que sofreram ou sofrem as mesmas privações de não se mobilizaram/mobilizam em sindicatos ou associações contestadoras. Contudo é preciso lembrar que a classe operária também não pode ser entendida como algo fixo que surgiu de forma determinada, e que todos os operários submetidos a essas mesmas situações teriam as mesmas reações.

Este livro tem um título um tanto desajeitado, mas adequado ao seu propósito. Fazer-se, porque é um estudo sobre um processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos. A classe operária não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela estava presente ao seu próprio fazer-se (THOMPSON, 1987, p. 9).

¹² MARTINS, Ana Paula Vosne. Possibilidade de Dialogo: Classe e Gênero. **Revista História Social**. n. 4/5. Campinas, São Paulo, 1997/1998, p.151.

Thompson (1987) concebe a classe operária como uma relação histórica e não ligada a determinismos. Essa relação é constituída historicamente pelos próprios trabalhadores, a produção, a cultura e o contexto histórico em que estão inseridos, portanto a classe operária não surgiu pronta e acabada ou já estava determinada a existir; ela surgiu a partir de relações históricas, já que a própria concepção de classe se constitui enquanto relação.

Classe, e não classes, por razões cujo exame constitui um dos objetivos deste livro. Evidentemente, há uma diferença. “Classes trabalhadoras” é um termo descritivo, tão esclarecedor quanto evasivo. Reúne vagamente um amontoado de fenômenos descontínuos. Ali estavam alfaiates e acolá tecelões, e juntos constituem as classes trabalhadoras (THOMPSON, 1987, p. 9).

A construção da memória dessas mulheres ocorre dentro de um processo de relações de classe, porque a memória também é constituída a partir das relações humanas, portanto não está isenta dos antagonismos presentes na sociedade capitalista.

Por classes, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas (THOMPSON, 1987, p. 9).

Por ser uma relação histórica, a classe operária não existe por si só, pois está também relacionada a outras classes que com ela estabelecem as condições e as diferenças de interesses dentro do meio social. As relações humanas também são marcadas pelas identidades de gênero que marcam tanto os papéis sociais como também a divisão sexual do trabalho.

É nesta perspectiva que Joan Scott, conhecida anteriormente por seus trabalhos na área da História Social, ao procurar explicar alternativamente o “problema” da trabalhadora, a divisão sexual do trabalho, a oposição entre o lar e o trabalho, inverte radicalmente o caminho tradicional da interpretação histórica, enfatizando a importância do discurso na constituição de uma questão socioeconômica. A divisão sexual do trabalho é, então, percebida como efeito do discurso.. (RAGO,1998, p.30)

Analisar a memória e as experiências das mulheres dos Clubes de Mães e problematiza-la significa abrir-se aos múltiplos olhares do político e, sobretudo do

social, rompendo com discursos sexistas e aumentando as possibilidades de percepção das subjetividades, produzindo uma narrativa que conte parte da história dessas pessoas que dentro de suas possibilidades contribuíram para novas perspectivas de democracia e de cidadania.

Bibliografia.

ANTUNES, Ricardo. **A rebeldia do trabalho: confronto operário no ABC paulista: as greves de 1978/80**. São Paulo/Campinas, Editora Ensaio/Editora da UNICAMP, 1988.

ANTUNES, Ricardo. **O que é Sindicalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne Marie." Memória, História e Testemunho", In: **Stella & NAXARA, Márcia (org) Memória e ressentimento. Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas : ED Unicamp, 2004 p. 85-94.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GASPARI, Élio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GONÇALVES, Andréia Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**, 5ª .ed. São Paulo: Loyola, Abril de 2006.

GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**.Petrópolis: Vozes, 2010a.

GONÇALVES, Renata e BRANCO, Carolina (2011). **Entrevista – Heleieth Saffioti por ela mesma: antecedentes de “A mulher na sociedade de classes”**. Lutas Sociais, n. 27, São Paulo.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Possibilidade de Dialogo: Classe e Gênero. **Revista História Social**. n. 4/5. .Campinas, São Paulo, 1997/1998.

MARTINS FILHO, João Roberto. **O palácio e a caserna: A dinâmica Militar das Crises Políticas na Ditadura (1964-1969)**, 1993. Tese de Doutorado em Filosofia, UNICAMP, Campinas-SP.

MATTOS, MARIA IZILDA S. de. Estudo de gênero: percursos e possibilidades na Historiografia contemporânea. **Cadernos Pagu**, 11: pp.67-75, 1998. Estudos Feministas, Florianópolis:11(2): 360, julho-dezembro/2003.

MEZZANOTTE, Ricardo."Vultos da História"; **João XXIII**. Tradução: Edna Flanklin de A. Gimenez, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1976.

MÜLLER, Ricardo Gaspar. **Razão e Utopia: Thompson e a História.** Tese (Doutorado em História Social) – Curso de História Social, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2002.

MUNHOZ, Sidnei. Fragmentos de um possível diálogo com Edward Palmer Thompson e com alguns de seus críticos. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, vol 2. nº 2, setembro de 1997.

MOISES, José Álvaro. **Alternativas Populares da Democracia: Brasil anos 80.** Petrópolis RJ, 1982.

MORAES, Maria Célia Marcondes de; MÜLLER, Ricardo Gaspar. **Tempos em que a “razão deve ranger os dentes”:** E.P. Thompson, história e sociologia. In.:*XI Congresso Brasileiro de Sociologia/SBS.*Campinas: Unicamp, 2003.

NORA, P. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** Projeto História, nº 10, dezembro de 1996.

PALMER, Bryan. **Edward Thompson objeções e oposições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. Problemas, limites e possibilidades: os desafios do paradigma biográfico..**Revista Brasileira de História & Ciências Sociais.** Vol. 2 Nº 4, Dezembro de 2010

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. São Paulo: HISTÓRIA, v.24, N.1, P.77-98, 2005. PEDRO, Joana Maria.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru: São Paulo: EDUSC, 2005 (Coleção História).

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Seis interpretações sobre o Brasil. *Revista de Ciências Sociais* Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, 1982, p. 269-306.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção História do Povo Brasileiro).

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo:** Colônia. 15 ed.. São Paulo: Brasiliense, 1977.

PRADO JR., Caio. **A Revolução Brasileira.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1966.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

RAGO, Margareth. **Descobrimos historicamente o gênero.** Cadernos Pagu, 11: p.89-98, 1998.

RAGO, Margareth.**Epistemologia Feminista, Gênero e História. Masculino, Feminino e Plural.** 1ed.Florianópolis: editora das Mulheres, 1998.

RAGO, Margareth.**As Mulheres na Historiografia Brasileira.** Cultura histórica em Debate. São Paulo, UNESP , 1994.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: _____. (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança. In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O tempo da ditadura e movimentos sociais em fins do século XX. 2 ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

REIS, José Carlos. Anos 1960: Caio Prado Jr. e "A Revolução brasileira". *Revista Brasileira de História.* São Paulo: v.19, n.37, Set. 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação Histórica do Brasil.** 13 ed.. Rio de Janeiro:

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena - experiência e luta dos trabalhadores da grande S.Paulo, 1970-1980.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAFFIOTI, Heleieth . **A questão da mulher na perspectiva socialista**. Lutas Sociais, n. 27, São Paulo, 2011.

_____. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. Lutas Sociais, n. 2, São Paulo, 1997.

_____. **Novas perspectivas metodológicas de investigação das relações de gênero**. In: MORAES SILVA, Maria Aparecida de (org.). Mulher em seis tempos. Araraquara: Unesp, 1991.

_____. **Do artesanal ao industrial: a exploração da mulher**. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. **Emprego doméstico e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SAFFIOTI, Heleieth . **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Quatro Artes, 1969.

SANT' ANNA, Silvio Luiz. **Santo dos nossos dias; fé, política e compromisso social no cotidiano de luta de um operário na Paulicéia dos anos 70**. São Paulo, Líber Edições, 1970.

SAMARA, Eni de Mesquita. **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997.

SCOTT, Joan. "História das Mulheres". In **BURKE, Peter (org). A escrita da história**. São

Paulo: Ed. UNESP, 1991.

SCOTT, Joan. "**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**". In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre: n.2, jul./dez. 1989. 109

SOIHET Rachel, PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 54, 2007. TILLY, Louise A. "Gênero, história das Mulheres e História Social". Cadernos Pagu, 3:

TELLES, Vera da Silva. **A Experiência do autoritarismo e práticas instituintes: os movimentos sociais em S.Paulo nos anos 70**. (dissertação de mestrado). São Paulo: USP, 1984.

THOMPSON, Edward P. **A Formação da Classe Operária Inglesa, "A árvore da liberdade"**, vol. I, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Fontes Primárias

Fundo Clube de Mães da Zona Sul. Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP)